

EDITORIAL

Os proveitos da instabilidade

Moçambique pode ser mais bem definido como um país perpetuamente volátil, cronicamente instável e preso num contínuo ciclo de crises que se recusam teimosamente a abandoná-lo. As aparências podem temporariamente impressionar os de fora e os não iniciados de dentro, mas elas não são nada mais do que isso mesmo: aparências.

Em 1992, depois de 16 anos de uma guerra civil que causou centenas de milhares de mortes, cerca de 6 milhões de deslocados internos, mais de 1 milhão e meio de refugiados e destruição massiva de infra-estruturas, o Acordo Geral de Paz (AGP) prometia trazer uma nova era de concórdia, reconciliação, reconstrução e desenvolvimento.

Era um novo começo, uma nova esperança. Para quem durante os 16 anos de guerra havia tido a oportunidade de viajar pelo país, o espectro de desolação, simbolizado por homens, mulheres, crianças e velhos emaciados, vestidos de restos de sacos que recebiam da ajuda de emergência ou de cascas de árvores, a guerra tinha sido mais do que a expressão violenta de duas forças políticas que se digladiavam pelo poder; era a forma mais cruel de desprezo pela dignidade humana.

Acordos de paz podem por vezes significar o entendimento, entre as partes, de que existe uma outra via para resolver os seus problemas. Infelizmente, no caso moçambicano, o fim da guerra resultava da incapacidade de qualquer uma das partes de vencer a outra no campo de batalha. Assim, o depor das armas era uma espécie de armistício, porque, para ambos os lados, no seu tempo haveria outra forma de alcançar a vitória total e subjugar o outro.

Houve vários momentos em que a paz esteve por um fio, mas intervenções externas, por vezes com alguns incentivos materiais, conseguiram manter a aparência de uma paz estável. Até que, nos princípios de 2013, no meio de acusações sobre eleições fraudulentas, a crise estourou.

O acordo de cessação de hostilidades militares, assinado no dia 5 de Setembro de 2014, serviu apenas para permitir a realização de eleições no mês seguinte, cujos resultados, para não variar, conduziram a um novo conflito que só seria selado com mais um acordo no dia 6 de Agosto de 2019, também cerca de dois meses e meio antes da realização de outras eleições.

A crise política que se seguiu às últimas eleições, em 2024, foi de uma magnitude que chocou muitos moçambicanos dado o nível de mortes de pessoas inocentes e de destruição de propriedade. Os prejuízos económicos e sociais não se contam apenas pelo que foi directamente destruído, como também pelas oportunidades perdidas.

Parecia uma decisão sensata considerar que tudo isso tinha sido resultado de um momento político exacerbado, e para o qual um diálogo político franco, aberto e descomplexado seria a melhor panaceia. Houve motivo para acreditar que havia espaço para o perdão, diálogo inclusivo e reconciliação.

Só que não passava de um equívoco. Enquanto a maioria acreditava na possibilidade de um diálogo que conduziria eventualmente a um novo começo, o Ministério Público estava calmamente a montar o enredo que levará, a partir do dia 6 de Outubro, Venâncio Mondlane a responder perante o Tribunal Supremo por cinco crimes, de entre os quais os de incitamento e instigação ao terrorismo. No píncaro da sua sabedoria, os dignos procuradores chegaram à conclusão de que sem Venâncio Mondlane, tudo o que aconteceu entre Outubro de 2024 e Março de 2025 não teria acontecido.

Os eventos que precederam a crise pós-eleitoral ainda estão frescos nas nossas memórias. Começando com aquela manhã de 21 de Outubro, quando Mondlane dirigia um grupo de cidadãos que se propunham homenagear Elvino Dias e Paulo Guambe, mortos na madrugada do dia 19, com 25 balas.

Para já deixemos de lado a questão sobre de onde vieram as balas, porque isso a Procuradoria-Geral da República (PGR) ainda não teve os meios nem tempo para investigar. Mas era uma manifestação pacífica, até ao momento em que a Unidade de Intervenção Rápida (UIR) se meteu no meio do evento, enquanto um helicóptero sobrevoava a zona, atirando gás lacrimogénio. Jornalistas que se aglomeraram à volta de Mondlane para uma conferência de imprensa *impromptu*, junto à Praça da OMM, foram selvaticamente agredidos.

A judicialização da política funciona perfeitamente em contextos de aplicação selectiva da lei, quando esta é usada como instrumento de exclusão. Parte do que aconteceu durante aquele breve período negro da nossa história, incluindo a abertura deliberada de estabelecimentos prisionais e a libertação de presidiários que depois viriam a ser extrajudicialmente executados, cabe na perfeita definição de uma tentativa de golpe de Estado, que não pode ser atribuído a dirigentes políticos civis, ainda que tão barulhentos. Esta é matéria de suma importância para a segurança do Estado, de que uma PGR genuinamente preocupada com a sua missão de preservar a legalidade, ir-se ocupar, possivelmente com a instauração de um inquérito judicial virado para a descoberta da verdade.

Uma vez pronunciado, cabe a Mondlane fazer a única coisa que a lei lhe permite: erguer uma defesa robusta que concentre a sua acção em fazer desmoronar cada uma das cinco acusações que lhe são imputadas. Para Moçambique, todo o cinismo reduzido a esta pobre peça de teatro será mais um falso começo. Este país muitas vezes dá a impressão de que está a andar, mas na essência o que faz é um movimento de frente para trás, para a esquerda e para a direita, mas mantendo-se na prática no mesmo lugar. Alguém tira proveito disso, é verdade, mas não é o povo.

Cartoon



Ucrânia: a independência que nos une

Por Fabiana Tronenko*

A gosto é, para os ucranianos, um mês de memória, identidade e esperança. Celebramos o Dia da Bandeira Nacional, em 23 de Agosto, o Dia da Independência, em 24 de Agosto, e, no dia 29, o Dia da Memória dos Defensores da Ucrânia que deram a vida pela defesa do país.

Para nós, independência não é apenas uma data, mas sim o direito de um povo escolher livremente o seu caminho, preservar a sua identidade e construir o futuro das próximas gerações.

Em 24 de Agosto de 1991, a Ucrânia restaurou a sua independência e celebramos essa conquista trinta e cinco anos depois, em meio a um dos períodos mais difíceis da nossa história, a qual desde Fevereiro de 2022, uma guerra unilateral de grande escala começada pelos russos, transformou a vida de milhões de ucranianos em um inferno, separando famílias, destruindo cidades e obrigando milhares de ucranianos a deixarem suas casas e suas conquistas pessoais.

Porém, a guerra não conseguiu destruir aquilo que nos define, como a nossa identidade, a nossa esperança, nosso orgulho e a determinação de construir um futuro livre.

Por isso, falar de independência é também falar das nossas crianças, pois uma nação não se preserva apenas defendendo as suas fronteiras. Preserva-se educando as novas gerações, oferecendo capacitação, conhecimento, protegendo a sua dignidade, cuidando da sua saúde física e emocional e garantindo que tenham condições para sonhar.

Na Ucrânia, aprendemos que manter a educação viva em tempos de adversidade é também um acto de resistência e de esperança, onde escolas, professores e crianças

precisam ser protegidos, porque o futuro de uma nação começa na educação.

É justamente aqui que encontro uma das mais bonitas pontes entre Ucrânia e Moçambique, que embora distantes geograficamente, nossos países compartilham valores profundamente humanos, onde a importância da família, da comunidade, da solidariedade e da resiliência fazem parte da construção do país.

Ambos desejamos oferecer às nossas crianças um futuro de paz, segurança e oportunidades e eu acredito que Ucrânia e Moçambique têm muito a aprender e a construir juntos, especialmente nas áreas da educação, saúde, protecção da infância, inclusão, cultura e desenvolvimento humano, pois a paz se aprende quando ensinamos nossas crianças a dialogar, respeitar as diferenças, rejeitar a violência e compreender que a liberdade é um valor que deve ser protegido.

É essa visão que está hoje, no coração da Cimeira das Primeiras-Damas e dos Primeiros-Cavalheiros, iniciativa da Primeira-Dama da Ucrânia, Olena Zelenska, que se consolidou como uma importante plataforma internacional de diplomacia humanitária, colocando em debate temas como educação, saúde, protecção da criança, saúde mental, inclusão e resiliência.

A realização da sexta edição da Cimeira em Kyiv, no Dia da Independência, possui um significado especial, pois enquanto celebramos a nossa soberania, reunimos representantes de diferentes países para discutir temas que ultrapassam fronteiras, como a protecção da vida, a dignidade humana e o futuro das nossas crianças.

Como Embaixatriz da Ucrânia em Moçambique, acredito profunda-

mente que a diplomacia também é isso, é aproximar pessoas, construir confiança, criar oportunidades e transformar amizade em cooperação concreta.

A Ucrânia quer a paz. Uma paz que permita às nossas crianças dormir sem medo, frequentar as suas escolas, brincar, estar com as suas famílias e sonhar livremente com o futuro. Queremos uma paz duradoura baseada no respeito à soberania, à liberdade e à dignidade humana.

Neste Dia da Independência, olho para a Ucrânia com orgulho e para Moçambique com esperança.

Acredito que nossas duas nações podem transformar experiências em conhecimento, proximidade em cooperação e amizade em projectos que beneficiem as próximas gerações.

A independência que celebramos é ucraniana, mas os valores que ela representa, como liberdade, dignidade, paz, soberania e esperança, pertencem a toda a humanidade. Talvez seja justamente aí que Ucrânia e Moçambique se encontrem, na certeza de que o futuro de uma nação começa quando decidimos cuidar das suas crianças.

Minha profunda gratidão ao povo moçambicano e a todos aqueles que acompanham a Ucrânia, respeitam o nosso direito à liberdade e acreditam na força da paz e da diplomacia.

Que nossa amizade continue a crescer e que nossas pontes se tornem cada vez mais fortes.

Que as próximas gerações de ucranianos e moçambicanos tenham aquilo que toda a criança merece, que é o direito de crescer em paz, com educação, dignidade, liberdade e esperança.

Feliz Dia da Independência, Ucrânia!

*Embaixatriz da Ucrânia em Moçambique

SAVANA
INDEPENDÊNCIA ★ INTEGRIDADE

Registado sob número 007/RRA/DNI/93
NUI: 400109001

Maputo-República de Moçambique

Propriedade da
mediacoop SA

KOK NAM
Director Emérito
Conselho de Administração:
Nidia Chiziane (presidente)
António Gumende
Alves Gomes

Direcção, Redacção e Administração:
AV. Amílcar Cabral nr.1049 cp 73

Telefones:
(+258)21301737, 823171100,
843171100

Director Editorial:
Fernando Gonçalves
editorsav@savana.co.mz

Editor Executivo:
Francisco Carmona
(franciscocarmona@savana.co.mz)

Redacção:
Raúl Senda e Arginaldo Nhampossa

Fotografia:
Ilec Vilanculos

Colaboradores
Boaventura Monjane, Luís Guevane,
Severino Ngoenha e André Catueira
(Manica)

Maquetização:
Auscência Machavane e
Elton Mahumane.

Revisão
Américo Pacule

Publicidade
Benvidina Tamele (82 3171100)
(benvidina.tamele@savana.co.mz)

Distribuição:
Miguel Bila
(824576190 / 840135281)
(miguel.bila@savana.co.mz)
(incluindo via e-mail e PDF)
Fax: +258 21302402 (Redacção)
82 3051790 (Publicidade/Directo)

Delegação da Beira
Prédio Aruanga, nº 32 - 1º andar, A
Telefone: (+258) 82 / 843171100
savana@savana.co.mz
Redacção
admc@savana.co.mz
Administração
www.savana.co.mz